

Como um texto funciona

How a text works

DOI:10.34117/bjdv7n10-126

Recebimento dos originais: 07/09/2021

Aceitação para publicação: 12/10/2021

Andressa Fabrina Klauck

Mestra

Instituição de atuação atual- Não vinculada à instituição de Ensino no momento

Endereço completo: Rua São Pedro, n 958, apto 106, Cáceres-MT, 78216-140

E-mail. andressaklauck@outlook.com

Débora Pereira Lucas Costa

Mestra em Letras; Doutoranda PPGL/UNEMAT – Cáceres, MT

Instituição de atuação atual: Unifasipe

Endereço: Avenida Villa Lobos, 425, Aquarela Brasileira, Sinop-MT, 78556-534

E-mail. debora.costa@unemat.br

Genilson Barbosa do Carmo

Mestre em Linguística

Instituição de atuação: Professor na Universidade do Estado de Mato Grosso

Endereço: Rua das Palmeiras, 79 - Massa Barro - Cáceres-MT

E-mail: genilson.barbosa@unemat.br

Marcelo Geraldo Coutinho Horn

Mestre/Direitos Humanos/UFPA/UFMT/UNEMAT.

Instituição de atuação: Professor efetivo na Universidade do Estado de Mato Grosso

Endereço: Rua Antônio Maria, 60, Centro, CEP 78.210048, Cáceres, MT

E-mail: marcelo.horn@unemat.br

Mariangela Vandresen Silva

Mestra

Instituição de atuação atual: Fonoaudióloga Clínica no Centro Especializado em Reabilitação Dom Aquino Corrêa de Sinop

Endereço: Rua dos Marfins, 171, Jardim Palmeiras, CEP 78552060, Sinop, MT

E-mail: fono_mariangela@hotmail.com

Mayara Tonett Galiassi Scheid Weirich

Mestra em Letras PPGLetras/UNEMAT (2021)

Instituição de atuação atual: Unifasipe

Endereço completo: Rua Barra de São Miguel N° 60 Bairro: Carpe Diem / Sinop-MT

E-mail: mayara.weirich@unemat.br

Rhafaela Rico Bertolino Beriula

Formação: Mestre em Letras (UNEMAT)

Instituição de atuação atual: nenhuma

Endereço completo: Rua Florianópolis, 937s, Centro. Juara-MT

E-mail: rhafaela.rico@gmail.com

Sergilaine Fátima de Miranda Cebalho

Mestre em Linguística PPGL/UNEMAT (2019)

Atualmente: Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGL/
UNEMAT)

Endereço: Rua dos Coqueiros, nº 879. Bairro: Santa Cruz / Cáceres-MT 78205-335

E-mail: sergilaine.fatima@unemat.br

Simone de Sousa Naedzold

Mestra em Letras; Doutoranda PPGL/UNEMAT – Cáceres, MT

Instituição de atuação: Professora Efetiva da Secretaria do Estado de Educação de Mato
Grosso

Endereço: Rua Sucupiras, 87 B, Jardim Violetas, Sinop, MT. CEP 78 552 - 172

E-mail: simone.naedzold@unemat.br

Simonne Pereira da Silva Ribeiro

Mestre em Linguística Aplicada (UNITAU)

Instituição de atuação: Universidade Federal de Goiás / UFG

Endereço: Rua Diva Braga Gomides, nº 257 - Quadra 11, Lote 25 - Residencial Jardins
Florença Catalão / Goiás - CEP 75708-620

E-mail: simonneribeiro@gmail.com

Vanuza Cristina Gomes

Mestre em Linguística (PPGLetras/UNEMAT)

Instituição de atuação: Professora efetiva da Secretaria do Estado de Educação de Mato
GrossoEndereço: Avenida Princesa Isabel, nº 539, Bairro Nossa Senhora da Guia, Colíder,
MT, CEP: 78.500-000

E-mail: vanuza.gomes@unemat.br

Wellington Marques da Silveira

Mestre em Linguística (PPGL/UNEMAT)

Instituição de atuação: Professor efetivo do Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Estado de Mato Grosso (IFMT)Endereço: Avenida Minas Gerais, n. 881, ap 02, Bairro Jardim Olenka, Campo Novo do
Parecis, MT, CEP: 78.360-000

E-mail: wellington.silveira@unemat.br

RESUMO

O trabalho aqui proposto é fruto de uma atividade avaliativa e colaborativa escrita por doze mãos, resultado da disciplina 'Análise de Discurso', ministrada pela Professora Doutora Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi no ano de 2020. Este trabalho, pautado na área disciplinar e teórica da Análise de Discurso, tem como objetivos abordar reflexões sobre as noções de texto e interpretação, baseando-se em Orlandi (1993, 2007, 2012, 2017); Pêcheux (2014a, 2014b); Pêcheux e Fuchs (2014) e outros autores que trazem informações concernentes as noções de texto e interpretação aqui estudadas e compreender como se dão as relações com a linguagem, a história e a constituição do sujeito e dos sentidos. Como efeito de fecho, endentemos que, ao buscar compreender como um texto funciona, o analista de discurso deve interpretar amparado aos aspectos teóricos e metodológicos da Análise de Discurso, visando a interpretação não por pura

ação de ‘interpretar’, mas interpretar no fio do discurso para entender como o texto funciona e produz sentidos, trabalhando o efeito ideológico, uma vez que, para a Análise de Discurso, posição a qual nos filiamos, não existe sentido literal, pois estamos sob o domínio da ideologia. O texto está aberto a múltiplas interpretações, e dependendo de suas condições de produção, ele é interpretado desta ou daquela maneira. O analista observa como o texto funciona, como significa e não sua verdade. E é na interpretação que se vê o funcionamento da ideologia e é neste lugar de interação em que se observa o homem falando.

Palavras-chaves: Análise de Discurso, Texto, Interpretação, Processo de Significação, Condições de Produção.

ABSTRACT

The work proposed here is the result of an evaluative and collaborative activity written by twelve hands, result of the discipline 'Discourse Analysis', taught by Professor Doctor Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi in the year 2020. This work, based on the disciplinary and theoretical area of Discourse Analysis, aims to address reflections on the notions of text and interpretation, based on Orlandi (1993, 2007, 2012, 2017); Pêcheux (2014a, 2014b); Pêcheux and Fuchs (2014) and other authors who bring information concerning the notions of text and interpretation studied here and understand how the relationships with language, history and the constitution of the subject and senses occur. As a closing effect, we endorse that, when seeking to understand how a text works, the discourse analyst should interpret supported by the theoretical and methodological aspects of Discourse Analysis, aiming at interpretation not by the pure action of 'interpreting', but interpreting in the discourse thread to understand how the text works and produces meanings, working the ideological effect, since, for Discourse Analysis, a position to which we are affiliated, there is no literal meaning, because we are under the domain of ideology. The text is open to multiple interpretations, and depending on its conditions of production, it is interpreted this way or that. The analyst observes how the text works, how it means, and not its truth. And it is in the interpretation that we see the functioning of ideology and it is in this place of interaction that we observe man speaking.

Keywords: Discourse Analysis, Text. Interpretation, Process of signification, Conditions of Production.

1 INTRODUÇÃO

Toda contribuição apresentada neste texto se dará a partir das explicações e das discussões/debates realizados na disciplina ‘Análise de Discurso’, ministrada pela Professora Doutora Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi, que foi ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), *campus* de Cáceres, durante os meses de agosto e setembro de 2020. É interessante destacar que os encontros aconteceram no formato *on-line* devido à pandemia da COVID-19. As aulas tiveram como objetivo alcançar a compreensão sobre os elementos teóricos

e metodológicos da Análise de Discurso (doravante AD) para possibilitar análises consistentes, com resultados bem-sucedidos.

Como um dos trabalhos avaliativos da disciplina, construímos uma atividade colaborativa que tinha o objetivo de abordar sobre as noções de texto e a interpretação no espaço de discussão da AD. O texto aqui apresentado, foi redigido colaborativamente por doze (12) pessoas e, agora, após revisão e avaliação, passa a se apresentar como artigo.

A AD, enquanto disciplina interpretativa, tem como objeto o próprio discurso. Trabalha no entremeio da linguística, da psicanálise e do materialismo histórico, mas não se confunde com nenhum deles, uma vez que bebe das bordas dessas teorias para mobilizar as questões sobre o real da língua, o real do inconsciente e o real da história. Neste batimento, entre os pilares do acontecimento, da estrutura, da descrição e da interpretação, as materialidades constituídas discursivamente apontam as relações de forças, forjadas nas relações entre língua(gem), história e sociedade, atravessando a forma-sujeito do discurso pelo viés do funcionamento ideológico e do inconsciente.

Desta forma, amparado nos conceitos disciplinares e teóricos da AD, este artigo procura abordar reflexões sobre as noções de texto e interpretação, e busca, nos diálogos estabelecidos a partir de Michel Pêcheux e Eni Orlandi, assim como com outros linguistas, apontar um recorte em que estas noções adquirem materialidades que constituem, formulam e fazem circular sentidos, possibilitando análises através dos dispositivos teóricos e analíticos presentes na AD.

2 COMO UM TEXTO FUNCIONA

Considerado uma unidade de análise no espaço interpretativo e disciplinar da AD, o texto, apesar de se apresentar como unidade, é espaço múltiplo/disperso de sentidos que não cabem apenas em um começo-meio-fim (introdução-desenvolvimento-conclusão), por isso, é tomado como discurso que está em constante processo de (re)formulação. Deste modo, o texto é o espaço onde as significações jogam com os lugares dos sentidos, movendo o trabalho da língua(gem), fazendo funcionar, por sua vez, a(s) discursividade(s) que se dá(ão) nos contextos sócio-histórico e ideológicos.

Durante as aulas *on-line*, a professora Eni Orlandi (2020) fez referência a uma passagem do livro de Michel Pêcheux *Análise Automática do Discurso – AAD 69* – em que Pêcheux (2014a, p. 78, grifo do autor) se refere ao texto. Descrevemos essa passagem abaixo.

Nosso propósito [...] é [...] definir os elementos teóricos que permitem pensar os processos discursivos em sua generalidade: enunciaremos a título de proposição geral que os *fenômenos linguísticos de dimensão superior à frase podem efetivamente ser concebidos como um funcionamento* mas com a condição de acrescentar imediatamente *que esse funcionamento não é integralmente linguístico, no sentido atual* [1969] *desse termo*, e que não podemos defini-lo senão em referência ao mecanismo de *colocação* dos protagonistas e do objeto de discurso, mecanismo que chamamos “condições de produção” do discurso./Consideremos a hipótese de que, a um estado dado das condições de produção, corresponde uma estrutura definida dos processos de produção do discurso a partir da língua, o que significa que, se o estado das condições é fixado, o conjunto dos discursos suscetíveis a serem engendrados nessas condições manifesta invariantes semântico-retóricas estáveis no conjunto considerado e que são características do processo de produção colocado em jogo. Isto supõe que é *impossível analisar um discurso como um texto*, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, mas que é necessário referi-lo ao *conjunto de discursos possíveis* a partir de um estado definido das condições de produção.

A partir desta citação, Orlandi discorre durante a aula que Pêcheux (2014a) trata sobre o texto considerando as questões sobre o enunciado e a enunciação, contudo, ela (Orlandi) considera o texto como unidade de análise do discurso, como unidade de sentido em relação a situação, como processo de significação e, é pelo texto, também, que o discurso se textualiza, se pensarmos discursivamente.

Para Orlandi (1993, p. 21), “A Análise de Discurso tem como unidade o texto.” e a autora acrescenta que o mesmo “[...] é definido pragmaticamente como a unidade complexa de significação, consideradas as condições de sua produção. O texto se constitui, portanto, no processo de interação” (ORLANDI, 1993, p. 21).

Assim, para a AD, o sentido não está localizado atrás das palavras de um texto, ou seja, ela não trabalha sobre uma abordagem conteudista, buscando o sentido no nível da formulação, mas sempre a colocar a língua em relação a uma exterioridade, a fim de estabelecer relações com aquilo que está fora dela. Dessa maneira, para o analista de discurso, tudo o que o sujeito diz, o faz de uma determinada posição e, conseqüentemente, produz sentidos outros que não dependem de sua pura intenção, mas da ideologia que o atravessa e que funciona pelas vias inconscientes desse sujeito.

Orlandi (2012, p. 87) afirma que o texto não pode ser assim visto como uma unidade fechada, pois ele tem relações com outros textos (existentes, possíveis ou imaginados), com suas condições de produção (os sujeitos e a situação) e com o que chamamos exterioridade constitutiva, ou seja, o interdiscurso, a memória do dizer (o que fala antes, em outro lugar, independentemente). É essa historicidade que confirma que um mesmo texto é atravessado por várias formações discursivas e deve ser considerado pelo analista como uma unidade de análise.

Pêcheux afirma, conforme fragmento no excerto acima, que é “[...] *impossível analisar um discurso como um texto*, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma [...]”. Mas para Orlandi (1983), uma sequência linguística, para ser analisada em AD, não pode ser ‘fechada em si mesma’, deve ser tomada como ‘aberta’, ou seja, passível de abertura para muitos sentidos outros/Outros¹ possíveis. Assim, “Os sentidos que podem ser lidos, então, em um texto não estão necessariamente ali, nele. O(s) sentido(s) de um texto passa(m) pela relação dele com outros textos.” (ORLANDI, 1983, p. 11). Nessa conjuntura, cada leitor vai receber o texto de acordo com as formações discursivas e as interpelações ideológicas que o atravessam assim também o autor o fez influenciado por essas formações e, deste modo, “[...] sujeitos e sentidos são elementos de um mesmo processo, o da significação”. (ORLANDI, 1983, p. 10). Os possíveis sentidos de um texto se dão a partir das condições de produção, da sua relação sócio-histórica, da formação ideológica, da formação discursiva e da posição-sujeito que o discurso se constitui, se formula e passa a circular.

Orlandi (2012, p. 19) afirma que “[...] a finalidade do analista de discurso não é interpretar, mas compreender como um texto funciona, ou seja, como um texto produz sentidos.” Assim sendo, os sentidos são definidos em relação a outros/Outros sentidos que constitui o analista em suas discursividades, através da sua memória história, constitutiva, discursiva, interdiscursiva, porque, como afirma Pêcheux (2014b, p. 149), “[...] “algo fala” (*ça parle*) sempre “antes, em outro lugar e independentemente”, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas.”

Em outras palavras, tomar qualquer manifestação de linguagem por meio de sua relação com um fora, isto é, com outros/Outros dizeres que estão em funcionamento na história, leva-nos a observar que a AD busca compreender como as materialidades linguísticas produzem sentidos. Dessa forma, a AD trabalha com a noção de “gestos de leitura”, isto é, para toda e qualquer materialidade, o sentido pode ser sempre outro, produzindo efeitos sobre os sujeitos. Assim, é a partir do movimento do discurso que se busca compreender, através do gesto de leitura e interpretação, a dimensão política, ideológica e simbólica de um texto.

Para que ocorra a interpretação, necessita-se compreender as condições de produção que provocam os efeitos de sentidos nos discursos realizados, ou seja,

¹ “Outro (com O maiúsculo) compreende o lugar de onde vem os significantes, enquanto o outro (com o minúsculo) é o semelhante com o qual o sujeito se identifica, admira ou odeia. É através do outro que o Outro passa as instruções de como deve ser/agir.” (RAMOS, 2020, p. 221).

compreender também o universo dos discursos outros/Outros que foram sendo enunciados conforme os momentos sócio-históricos, jurídicos e ideológicos. As condições de produção do discurso ocorrem na articulação de dois processos vultuosos, que marcam o funcionamento da linguagem: o ‘mesmo’ e o ‘diferente’ que, na AD, são nomeados de processos parafrásticos e processos polissêmicos.

3 O FUNCIONAMENTO DA LINGUAGEM

No domínio da linguagem observamos que os dizeres parecem nos dizer uma mesma coisa, fazendo uso do já-dito, do já-passado, mas que insiste em permanecer na nossa memória, ornando-se de outras palavras, com outros sentidos. Neste jogo de sentidos, a AD procura problematizar as formas de reflexões que se estabeleceram ao longo do tempo (ORLANDI, 1987).

Pode-se evidenciar que o funcionamento da linguagem só é possível através da relação contraditória que ocorre no jogo parafrástico e polissêmico, ou melhor, nos movimentos da paráfrase e da polissemia, o funcionamento da linguagem aponta a incompletude e, de acordo com Orlandi (2012, p. 19), “A incompletude é característica de todo processo de significação.”

Consoante com Orlandi (1993, p. 70), o discurso (o objeto de análise da AD) não deve ser caracterizado apenas como um conjunto de textos, mas sim, como prática para buscar compreender o discurso em suas tessituras. Podemos observar que não se faz a análise dos produtos do discurso, mas dos processos de produção, evidenciando o enunciador na posição sujeito, o modo social de produção de linguagem e toda a exterioridade que o constitui, ou seja, nos movimentos sócio-histórico e ideológicos, uma vez que, “Todo discurso se produz em certas condições.” (ORLANDI, 1993, p. 36).

Nesta conjuntura, para Orlandi (2012), o discurso é caracterizado como prática social, histórica, jurídica e ideológica do sujeito, provocando, assim, efeitos de sentidos entre locutores. Dessa forma, pode-se compreender que o discurso é o encontro entre língua e história, em constante relação com a ideologia.

Podemos apontar, então, que a ideologia (interpelação dos indivíduos em sujeito) é um efeito de relação entre sujeito e linguagem que faz parte de toda manifestação do indivíduo interpelado em sujeito, o levando a se inscrever/identificar com a formação discursiva que o domina. É interessante destacar também que a ideologia se reúne com o inconsciente e se registra nos processos imaginários que atravessam a forma-sujeito. Desse modo, a ideologia se apresenta na realidade de cada sujeito (em sua situação de

fala e em sua posição sujeito), é um dizer que já é estabelecido como evidente/natural/normal. E, segundo Pêcheux (2014b, p. 149), a ideologia é aquilo que se estabelece quando se observa o modo de constituição dos sujeitos e da produção dos sentidos, que “[...] fornece “a cada sujeito” sua “realidade”, enquanto sistema de evidências e de significações percebidas – aceitas – experimentadas.”

De acordo com Pêcheux (2014b, p. 146, grifo do autor), a ideologia é aquela que fornece as evidências que “[...] fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos o *caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados.” Desta maneira, pode-se compreender que a língua funciona a partir das formações ideológicas e possui a materialidade que se faz passível de produzir sentidos, dando lugar a interpretações. Interpretações estas que podem ser, de acordo com Léon e Pêcheux (2015, p. 164), ‘cercadas’ no processo discursivo de análise. Compreende-se, assim, ser possível “[...] cercar o sentido de uma sequência (de extensão indeterminada) por meio de suas possibilidades de substituição, comutação e paráfrase.” (LÉON; PÊCHEUX, 2015, p. 164).

História, língua, sujeito e o discurso são movidos pela ideologia, o que poderia ser escrito como: a ideologia é uma das matrizes do sentido. E, deste modo, segundo Orlandi (2007, p. 96-97), é possível dizer que a ideologia “[...] representa a saturação, o efeito de completude que, por sua vez, produz o efeito de “evidência”, sustentando-se sobre o já-dito, os sentidos institucionalizados, admitidos por todos como “natural”.

No tocante a ideologia, corrobora-se com Orlandi (1993, p. 74) quando destaca que,

Podemos observar, dessa forma, os efeitos da ideologia: ela produz a aparência da unidade do sujeito e a da transparência do sentido. Estes efeitos, por sua vez, funcionam como “evidências” que, na realidade, são produzidas pela ideologia. Tomá-las como uma realidade é ficar submerso na ideologia, na sua construção enquanto evidências. Para não fazê-lo, isto é, para exercer uma função crítica, é preciso levar em conta dois fatos:
a) o processo de constituição do sujeito; e
b) a materialidade do sentido.

Orlandi (1993, p. 21) discorre que, “Na Análise de Discurso, o objeto teórico é o discurso e o objeto empírico (analítico) é o texto”. A partir disso, verificamos, através das condições linguísticas de existência dos objetos, que “[...] a materialidade específica da

ideologia é o discurso, e a materialidade específica do discurso é a língua”. (ORLANDI, 2017, p. 45).

Assim,

[...] tomo o texto, em sua representação linear e bidimensional, como contrapartida do discurso: considero o discurso no domínio teórico (efeito de sentido entre locutores), enquanto o texto é seu correspondente no domínio na análise (como unidade significativa). (ORLANDI, 2012, p. 73).

Sociedade e linguagem se constituem mutuamente, para a AD. Os sujeitos estão imersos nesta sociedade, logo são partes constitutivas dela e para se comunicarem, fazem uso da linguagem. Dessa forma, ao enunciar, o sujeito relaciona seu dizer a outros constituídos na história, deixando irromper as marcas ideológicas que o interpelam. Isso nos leva a compreender o discurso não como algo estático e fechado, mas como aquilo que se mantém em funcionamento, isto é, relacionando-se com outros discursos.

É importante também observar que essa história, com a qual a língua mantém uma estreita relação, não se constitui como uma ordem cronológica de datas, mas como uma memória colocada em funcionamento sobre questões sócio-históricas presentes entre os sujeitos. A AD, portanto, trabalha, pela materialidade do texto, com a relação estabelecida entre língua, história e ideologia.

4 A INTERPRETAÇÃO DO ANALISTA DE DISCURSO

Num processo discursivo de interpretação, não focamos em um ponto x do texto e a partir dele interpretamos, porque na AD não tem um ponto, não há esse ponto. Temos margens. Margens estas, como afirma Orlandi (1993, p. 20), que possibilitam que “[...] todos os sentidos são sentidos possíveis [...]”, e, por isso, a interpretação de textos é polissêmica, como dito anteriormente. Interpretamos um texto, mas interpretamos de modo diferente. Porque somos atravessados por diferentes discursividades e estas nos constituem diferentemente.

O interdiscurso (interno, constitutivo de nossa maneira de ser, de nossa maneira de pensar, de estar no mundo) que tem a ver com a memória e o intradiscurso (externo, constitutivo de textos científicos e literários que nos envolvem e que modificam a nossa memória) que tem a ver também com a exterioridade, são processos que afetam e atravessam o sujeito fazendo emergir esse ou aquele pensamento, esta ou aquela ação. Num processo contínuo. Porque somos seres inacabados, sempre em processo de constituição, e como sujeitos, nos constituímos nessa ambiguidade. Sobre isso, Orlandi

(2012, p. 9-10) afirma que “[...] o corpo do sujeito e o corpo da linguagem não são transparentes. São atravessados de discursividade, isto é, de efeitos deste confronto [do simbólico com o político], em processos de memória que tem sua forma e funciona ideologicamente”.

Como sujeitos analistas de discurso, precisamos ver as diversas significações de um texto, considerando que “[...] o discurso é um processo contínuo que não se esgota em uma situação particular.” (ORLANDI, 2012, p. 14). A autora (2012, p. 19) afirma também que “[...] a finalidade do analista de discurso não é interpretar, mas compreender como um texto funciona, ou seja, como um texto produz sentidos.” Os sentidos são definidos na relação a outros/Outros sentidos que constituem o analista em suas discursividades, através da sua memória histórica, constitutiva, discursiva, interdiscursiva, porque, como afirma Pêcheux (2014b), algo fala antes em outro lugar. E essa memória histórica, denominada interdiscurso, determina o intradiscurso, a memória da atualidade, definindo a relação entre memória/esquecimento e formulação.

Nas palavras de Orlandi (2012, p. 94),

As diferentes formações discursivas regionalizam as posições do sujeito em função do interdiscurso, este significando o saber discursivo que determina as formulações. A relação do sujeito com a memória se materializa na relação sujeito/autor, discurso/texto.

A particularidade de olhar a história discursivamente, busca tratar o texto como um resquício discursivo em uma história que constitui, conforme Maldidier (2017, p. 16), um “nó” onde se “intrinca literalmente todas as suas questões sobre a língua, a história, o sujeito” e que distancia a ‘legitimação’ dos discursos oficiais escritos. Nasce, assim, uma teoria materialista da língua, que conforme Freda Indursky (2007, p. 10), passa a movimentar algumas questões:

(1) discutir as exclusões praticadas pela linguística, sobretudo a do sujeito, da situação e da significação; (2) mostrar que a dicotomia língua/fala exclui também o discurso, que não se confunde com a fala; e (3) mostrar que os elementos sócio-históricos são essenciais.

Esse movimento de análise pressupõe criar um objeto teórico-analítico que considere a materialidade discursiva. Nesse ponto, a AD passa da frase para o texto, articulando-o em três regiões teóricas, apresentadas em um quadro epistemológico elaborado por Pêcheux e Fuchs (2014, p. 160):

1. o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias;
2. a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo;
3. a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos.

A noção de texto, conforme explica Indursky (2001), passa a ser um ‘objeto’ a ser lido, uma materialidade linguística que possibilita o acesso ao discurso. Uma unidade de análise, afetada pelas condições de sua produção, um espaço do simbólico que torna possível uma prática de leitura. O que interessa para a AD é como o texto se apresenta, se constitui, formula e circula em relação com a discursividade. Ou melhor, como ele estabelece relações com o contexto, outros textos, outros discursos e como o funcionamento das suas relações aponta para a exterioridade.

Deste modo, para considerar as condições de produção do discurso, deve-se observá-lo em seu sentido estrito (o contexto imediato) e no sentido lato (o contexto sócio-histórico, jurídico e ideológico). Então, quando se apresenta determinado arquivo, a intensão não é apenas descrever o que o texto está apresentando, mais do que isso, é observar os processos de condições de produção dos sentidos, assim como o processo de constituição dos arquivos, buscando compreender a ordem do significante, a relação língua/discurso/texto; como afirma Orlandi (2012, p. 68): “Compreender como um texto funciona, como ele produz sentidos, é compreendê-lo enquanto objeto linguístico-histórico, é explicitar como ele realiza a discursividade que o constitui.”

Entende-se, assim, que as marcas na materialidade da linguagem são sinais a serem explorados pelos analistas do discurso para analisar o que está presente em um texto, para compreender os efeitos de sentidos. Segundo Orlandi (ORLANDI, 2012, p. 112), “O trabalho simbólico do sujeito colocar em palavras “o que tem na cabeça” converte o discurso em texto”. Há entre o discurso e o texto um espaço que resulta na multiplicidade possível de sentidos, na abertura do simbólico.

A passagem do discurso a texto desemboca necessariamente na consideração do espaço (linearidade) e da dimensão (extensão de um corpo) da linguagem colocando em relação o mensurável com o incomensurável, o empírico com o simbólico e o político. (ORLANDI, 2012, p. 113).

Olhamos, assim, para os vestígios materiais do discurso, onde a linguagem tem imaginariamente dimensões precisas, com recortes, segmentos, tamanhos, e o texto representa o dizer como uma extensão com limites para um sujeito pragmático que “[...] vive em um mundo semanticamente normal, tem necessidade de administrar a relação

com a incompletude da linguagem: ele tem necessidade de um enunciado que acaba, de um texto com começo, meio, progressão e fim [...]” (ORLANDI, 2012, p. 114). Tem-se, então, o discurso dimensionado no espaço textual, como uma unidade na relação entre os sujeitos e os sentidos.

No texto, a memória é organizada, há uma tentativa de apresentar os sentidos de forma regrada, ainda que se saiba que os sentidos estão para os sujeitos, não estão “[...] presos ao texto nem emanam do sujeito que lê, ao contrário eles resultam de um processo de inter-ação texto/leitor”. (MARIANI, 1999, p. 106).

Deste modo, os gestos de interpretação do texto, na perspectiva analítica da AD, tomam o discurso, enquanto estrutura (nível da formulação) e acontecimento (atualização de uma memória discursiva), ou seja, objeto linguístico-histórico. Dito de outra maneira, a *organização* e a *ordem* do discurso. A *organização* diz respeito às relações internas (efeitos imaginários), enquanto a *ordem* relaciona a língua à sua exterioridade constitutiva. É, pois, com o texto, enquanto *ordem* da língua, que a AD trabalha a sua materialidade.

O nível do intradiscurso (formulação/base linguística) só funciona porque se assenta em uma base histórica que constitui os processos discursivos (ideologia, condições de produção, formulação discursiva). Nessa direção, como já mencionamos, o texto não é uma unidade empírica, mas uma unidade imaginária em que a ideologia é elemento base da constituição e produção de sentidos.

Em suma, todo texto é significado no/pelo eixo metafórico, e é uma (re)formulação de um outro dizer (já dito), que, mesmo sendo parafraseado e reescrito, retoma na forma de marcas, de pistas das suas retificações anteriores. E, buscar compreender a noção de texto nos estudos de linguagem, possibilita trabalhar/pensar duas de suas características: como unidade e como unidade significativa - a língua(gem) como estrutura (a fonologia, a morfologia e a sintaxe da língua) e como acontecimento (a língua por sua inscrição necessária na história), significa trabalhar no batimento da descrição (não no sentido de segmentação, mas o recorte/forma material discursiva) e interpretação, considerando o funcionamento de uma ordem de impossível na/da língua.

Se os sentidos não estão colocados nas palavras, eles estão em *relação a*, logo a interpretação não é mera decodificação e não pode ser qualquer uma, ela é sustentada pelo discurso (lugar em que trabalha a língua, ideologia e a história), ponto nodal do deslocamento da retórica/dialética/gramática, o texto (re)significado na/pela exterioridade. O texto transcende a concepção de organização linguística, para a AD, é

(dis)curso que não se fecha “[...] é efeito da construção e não um princípio que preexiste à formulação, à textualização” (ORLANDI, 2012, p. 98).

Para a AD, o sujeito é constituído, entre outros, pelo esquecimento ou, se preferirmos, o que está acobertado, mas que produz efeitos outros, e quando falamos em esquecimento não nos referimos a algo que se tenha sabido um dia e tenha-se esquecido, ou seja, o sujeito no discurso se constrói por efeitos de sentidos de discursos alheios a si mesmo e que o interpelaram ideologicamente em sua identificação imaginária, deixando de lado, o processo de significante na linguagem.

Magalhães e Mariani (2010, p. 402-403) explicam que

Desse ponto de vista, falar do sujeito é falar de efeito de linguagem; sujeito enquanto um ser de linguagem que foi falado antes de falar, que traz marcas do discurso do outro, o que implica considerar que o sujeito não é origem do dizer nem controla tudo o que diz.

A AD propõe a articulação da linguística com a teoria histórica dos processos ideológicos e científicos, cujo funcionamento da língua é em relação a si mesma. Ademais, o efeito de sentido promovido pela língua, segundo Frege (2009), é a possibilidade do surgimento de ilusões, porque a linguagem natural é mal feita, contém armadilhas e ambiguidades e que podem aparecer em uma língua artificial elaborada, onde esse sentido é um efeito de enunciação.

Desta forma, discurso não é uma construção de um sujeito, nem de sujeitos omissos às relações sociais presentes no inconsciente, ao contrário, o fazer discursivo é uma práxis humana que pode ser compreendida, apenas, a partir da percepção das contradições sociais que possibilitaram sua objetivação, quer dizer, é uma construção linguística ao lado de um contexto social onde o texto progride.

Assim, vê-se que o analista, ao realizar uma análise discursiva, não pode ser indiferente a todos esses aspectos do funcionamento da interpretação, como afirmou Orlandi (2012, p. 29). E, neste processo, cabe ao analista compreender os efeitos de sentidos da análise discursiva proposta, considerando toda sua in(completude), ou seja, buscando entender o funcionamento do objeto simbólico, que é o texto, a partir dos movimentos que esse faz circular ao produzir sentidos.

5 EFEITO DE FECHO

A Análise de Discurso passa a significar dentro dos movimentos da educação a partir da década de 60 do século passado. Década esta em que surgem os movimentos de

contracultura, contestam-se valores estabelecidos, há recessão econômica no Brasil, Estados Unidos, Suécia e em outros países e isso modifica, para muitas pessoas, o modo de olhar a sociedade.

No campo da história, na França, a maior greve da Europa estava em curso; havia manifestações de estudantes e trabalhadores e, junto a estes, o Partido Comunista Francês. No campo da linguística, discutia-se a exclusão do sujeito, da situação e da significação e que a dicotomia língua/fala, instituída por Saussure (2012), também excluía o discurso, que não se confunde com a fala e, além disso, havia um movimento para mostrar que os elementos sócio-históricos são essenciais para se compreender a linguagem e seu funcionamento. (INDURSKY, 2007).

Neste processo de mudanças, Pêcheux apresenta sua tese em 1969 e por isso a mesma, ao ser publicada em livro, passa a se chamar *Análise Automática do Discurso AAD69*. Nesta obra, o autor coloca a AD como uma disciplina de interpretação e estabelece o discurso como o objeto desta disciplina.

No Brasil, na década de 80, a professora Eni Orlandi inicia a difusão da AD Pecheuxtiana e em 1983 lança *Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*, obra em que apresenta a disciplina e alguns de seus fundamentos.

Assim, neste texto, apresentamos algumas nuances das noções de texto e de interpretação que foram estabelecidas para além dos estudos de Michel Pêcheux por Eni Orlandi e que trazem este batimento entre descrever e interpretar os acontecimentos a partir da ideologia imersa na teoria das formações sociais; na constituição dos processos de paráfrase e polissemia na formulação dos sentidos.

A AD, neste sentido, propõe a articulação da linguística com a teoria histórica dos processos ideológicos e científicos, cujo funcionamento da Língua é em relação a si mesma e o discurso não busca sentidos verdadeiros, mas o real que os sentidos podem ter considerando exatamente a materialidade linguística e histórica.

Portanto, ao buscar compreender 'como um texto funciona', considerando o processo de constituição, formulação e circulação de um texto, entendemos que a noção de interpretação, evocado no espaço disciplinar e teórico da AD, é de fundamental importância, uma vez que, a partir dessa filiação teórica, percebe-se que só há sentido(s) por causa da interpretação, e esta, por sua vez, move o funcionamento e o jogo entre o sujeito e a linguagem. Deste modo, conclui-se que para compreender como um texto funciona, o analista de discurso deve interpretar seguindo os aspectos teóricos e metodológicos da AD, visando a interpretação não por pura ação de 'interpretar', mas

interpretar no fio do discurso para entender como o texto funciona e produz sentidos, trabalhando o efeito ideológico.

REFERÊNCIAS

FREGE, Gottlob. **Lógica e filosofia da linguagem**. Seleção, introdução, tradução e notas de Paulo Alcoforado. 2. ed. São Paulo: EdUSP, 2009.

INDURSKY, Freda. A Análise do Discurso e sua inserção no campo das ciências da linguagem. *In*: INDURSKY, Freda; LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. (org.). **Análise do Discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 7-21.

INDURSKY, Freda. Da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo de leitura. *In*: ERNST-PEREIRA, Aracy; FUNCK, Suzana Bornéo. (org.). **A leitura e a escrita como práticas discursivas**. Pelotas: Educat, 2001. p. 27-42.

LÉON, Jacqueline; PÊCHEUX, Michel. Análise sintática e paráfrase discursiva. Tradução Claudia Pfeifer. *In*: PÊCHEUX, Michel. **Análise de discurso**. Textos selecionados por Eni Puccinelli Orlandi. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2015. p. 163-173.

MAGALHÃES, Belmira; MARIANI, Bethania. Processos de subjetivação e identificação: ideologia e inconsciente. **Linguagem em (dis)curso**. Palhoça, SC, v. 10, n. 2, p. 391-408, maio/ago. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1518-76322010000200008&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 03 set. 2020.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso**: (Re)Ler Michel Pêcheux hoje. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2017.

MARIANI, Bethania. Sobre um percurso de análise do discurso jornalístico: A Revolução de 30. *In*: INDURSKY, Freda; LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina (org.). **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999. p.102-121.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **As formas do silêncio**: nos movimentos dos sentidos. 6. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Discurso e leitura**. 2. ed. São Paulo: Cortez/Campinas, SP: Unicamp, 1993.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Discurso em análise**: sujeito, sentido, ideologia. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2017.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica a afirmação do óbvio. 5. ed. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi, Lourenço Chacon Jurado Filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa; Silvana Mabel Serrani. Campinas, SP: Unicamp, 2014b.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD69). *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony. (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi. 5. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2014a. p. 59-158.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony. (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Péricles Cunha. 5. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2014. p.159-249.

RAMOS, Thaís Valim. Outro/outro. *In*: LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. (org.). **Glossário de termos do discurso**: edição ampliada. Campinas, SP: Pontes, 2020. p. 221-224.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini; José Paulo Paes; Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.